



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

IVANA VERBENA DOS SANTOS GUERREIRO VASCONCELOS

**A CONSTRUÇÃO COLABORATIVA NA ROTINA NA EDUCAÇÃO
INFANTIL**

Salvador
2016

IVANA VERBENA DOS SANTOS GUERREIRO VASCONCELOS

**A CONSTRUÇÃO COLABORATIVA DA ROTINA NA EDUCAÇÃO
INFANTIL**

Monografia apresentada à Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia, como requisito do Curso de Especialização em Docência na Educação Infantil, para fins de obtenção do título de Especialista em Docência na Educação Infantil.

Professora Orientadora: Dra. Vera Bacelar

Salvador
2016

IVANA VERBENA DOS SANTOS GUERREIRO VASCONCELOS

**A CONSTRUÇÃO COLABORATIVA DA ROTINA NA EDUCAÇÃO
INFANTIL**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Docência na Educação Infantil do programa de Pós-graduação em Educação da Faculdade de Educação, da Universidade Federal da Bahia como pré-requisito para obtenção do grau de Especialista em docência na Educação Infantil.

Aprovada em, _____

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Vera Lucia da Encarnação Bacelar (Orientadora)

Universidade Federal da Bahia

Profa. Ms. Cinthia Maria Seibert Santos

Universidade do Estado da Bahia

AGRADECIMENTOS

Primeiro agradecer a Deus pela oportunidade de vencer mais essa batalha e os sustos da vida.

As minhas filhas e sobrinho, pela força e apoio.

As professoras Regina e Neusa, pelo companheirismo, carinho e incentivo.

A amiga Niclécia e as novas amigas, Zana, Sheila e Denise, por me incentivarem não deixando que eu desistisse e estarem comigo nos momentos em que mais precisei. Além delas, queria agradecer as amigas do curso, que nesse percurso se tornaram companheiras de todas as horas, nas alegrias e tristezas, sempre nos apoiando, mesmo após a perda de duas grandes colegas do nosso grupo.

A Coordenação do Curso, que sempre orientou e encaminhou o grupo para a evolução e construção do conhecimento.

Em especial, queria novamente agradecer a professora Neusa e Lícia, que nesse final me orientaram e incentivaram, mesmo sendo uma fase tão difícil.

Por fim, agradeço a mim mesma, pela força de vontade, coragem e mesmo nos piores momentos busquei força de seguir em frente e concluir o curso.

Quando penso que na vida tudo aprendi...
Descubro na pureza de uma criança que nada sei.

Leda Fênix

VASCONCELOS, Ivana Verbena dos Santos. A construção colaborativa na rotina da Educação Infantil. ____f.il.2015. TCC (Pós-Graduação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2016.

RESUMO

A Educação Infantil é a primeira etapa da educação básica que a criança entra em contato. Assim, para melhor adequá-la a essa nova experiência a escola busca criar um ambiente favorável, no entanto, a Educação Infantil merece mais do que isso, pois seu principal objetivo é desenvolver nas crianças os aspectos cognitivos e afetivos, às relações interpessoais e sua inserção no meio social. Todavia, muitas escolas e creches realizam seu planejamento sem ouvir as crianças, assim a rotina é pré-estabelecida e não atende ao interesse delas, pois não respeita sua individualidade, têm desejos, sentimentos, anseios que variam de sujeito para sujeito. Sendo assim, o objetivo deste trabalho é validar a escuta das crianças para a construção de uma rotina atraente e significativa na Educação Infantil. Para isso será necessário analisar as falas das crianças a respeito da rotina escolar pré-estabelecida; propor mudanças com as crianças a partir de suas falas na rotina escolar; identificar os impactos ocorridos após as mudanças na rotina, feitas a partir da escuta das crianças. Os subsídios deste trabalho fundamentam-se na pesquisa exploratória que consiste no levantamento bibliográfico de Vygotsky, Didonet, Gustavo Heidrich, Oliveira entre outros além de documentos oficiais que tratam sobre a Educação Infantil, a Constituição Brasileira Federal, a Lei de Diretrizes e Bases (LDB) e Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI), sites, revistas, livros e artigos que tratam sobre o tema. A abordagem desta pesquisa é qualitativa por apresentar algumas características básicas, que a torna pertinente para o presente trabalho. Dentre elas, o fato de que a pesquisa qualitativa não se apresenta como processo linear, mas possibilita divisão construtiva e interpretativa do conhecimento, tornando-se, assim, significativa para o estudo das atividades rotineiras e cotidianas no contexto escolar, já que nos baseamos numa perspectiva da construção do conhecimento, nas interações sociais estabelecidas entre os sujeitos envolvidos no processo.

Palavras-chave: Educação Infantil. Rotina. Professor. Escuta.

Vasconcelos, Ivana Verbena dos Santos. Collaborative construction in the routine of early childhood education. _ _ _ f.il. 2015. TCC (post graduate)-graduate program in education, Faculty of education of the Federal University of Bahia, Salvador, 2016.

SUMMARY

Children's education is the first stage of basic education that the child comes in contact. So, to better adapt it to this new experience, the school seeks to create a favourable environment, however, the early childhood education deserves more than that, because its main purpose is to develop in children the cognitive and affective, interpersonal relations and its insertion in the social environment. However, many schools and kindergartens perform their planning without listening to the kids, so the routine is set and does not meet the interest of them, do not respect their individuality, have desires, feelings, concerns ranging from subject to subject. Therefore, the objective of this work is to validate the bug of children to build an attractive and meaningful routine in early childhood education. For this you will need to parse the words of the children about the school routine set; propose changes with the children from your lines in the school routine; identify the impacts that occurred after the changes in routine, made from listening to the children. The subsidies of this work are based on exploratory research consisting of the bibliographic survey of Vygotsky, Didonet, Gustavo Heidrich, among other than official documents dealing with about early childhood education, the Brazilian Federal Constitution, the law of guidelines and Bases (LDB) and National Curricular Reference for the early childhood education (RCNEI), websites, magazines, books and articles dealing with on the topic. This research is qualitative approach for presenting some basic features, making it relevant to the present study. Among them, the fact that qualitative research is not as linear process, but enables constructive and interpretive Division of knowledge, becoming thus significant to the study of routine activities and daily living in the school context, since we rely on a perspective of construction of knowledge in social interactions between the subjects involved in the process.

Key words: Early childhood education. Routine. Professor. Listen.

SUMÁRIO

| | | |
|----------|--|-----------|
| 1 | DA MEMÓRIA À HISTÓRIA: AS ROTINAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL.. | 09 |
| 1.1 | POR UM SENTIDO A PESQUISA..... | 12 |
| 2 | CONTEXTO HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO INFANTIL NO BRASIL..... | 16 |
| 2.1 | ASPECTOS LEGAIS DA EDUCAÇÃO INFANTIL NO BRASIL..... | 18 |
| 2.2 | A FORMAÇÃO DE PROFESSORES QUE ATUAM NA EDUCAÇÃO INFANTIL..... | 20 |
| 2.3 | A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO INFANTIL..... | 23 |
| 3 | IMPORTÂNCIA DA ROTINA NA EDUCAÇÃO INFANTIL..... | 26 |
| 3.1 | ORGANIZAÇÃO NO TEMPO PEDAGÓGICO NA EDUCAÇÃO INFANTIL... | 27 |
| 4 | METODOLOGIA..... | 32 |
| 4.1 | MÉTODO E NATUREZA DA PESQUISA..... | 32 |
| 4.2 | CENÁRIO DA PESQUISA..... | 33 |
| 4.3 | SUJEITOS DA PESQUISA..... | 33 |
| 4.4 | DISPOSITIVOS, PROCEDIMENTOS E ETAPAS DA PESQUISA..... | 34 |
| 4.5 | TRATAMENTO E ANÁLISE DAS INFORMAÇÕES..... | 35 |
| 5 | A CONSTRUÇÃO COLABORATIVA NA ROTINA DA EDUCAÇÃO INFANTIL..... | 38 |
| | CONCLUSÃO | 41 |
| | REFERÊNCIAS | 43 |
| | ANEXOS | 46 |

1 DA MEMÓRIA À HISTÓRIA: AS ROTINAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Nasci numa família grande de cinco filhos na qual mãe e tias eram professoras; eu e meus irmãos cursamos a Educação Infantil e segundo grau na mesma escola. Os meninos fizeram Contabilidade e Administração e as meninas Magistério, pois segundo minha mãe era o curso no qual traria mais rápido a independência.

Meu envolvimento na Educação Infantil começou muito cedo, aos 17 anos, quando terminei o curso de magistério e me formei no interior da Bahia onde morávamos. Assim que concluí o curso, lecionei numa escola particular de pequeno porte que era de minha tia, com crianças de três anos.

Nos primeiros dias foi uma agonia, muitas crianças chorando, querendo ir para casa e quase desisti, pois não tinha nenhuma experiência. Aos poucos me adaptei com a ajuda da minha tia e no fim do primeiro mês estava dando conta de quinze alunos sozinha. Não esqueço o prazer ao perceber que conseguia ensinar algo a eles.

Casei e nos mudamos para Salvador. Logo tive um filho e fiquei cerca de três anos sem trabalhar fora, porém a vontade de ensinar era latente, assim além de ensinar meus filhos, consegui alguns alunos (filhos dos vizinhos) para ensinar, até quando meu filho completou idade escolar e retornei ao trabalho, porém em outra área diferente da Educação.

Depois de três anos desmotivada no trabalho em que estava, resolvi fazer alguns cursos voltados para alfabetização como “casinha feliz”, “cirquinho” dentre outros. A partir daí, minha motivação voltou e resolvi voltar a ensinar em escolas particulares do bairro nos segmentos de Educação Infantil e Ensino Fundamental. Entretanto, o trabalho na instituição privada sempre me deixava na expectativa de como seria o final do ano e se continuaria trabalhando no ano seguinte, até que em 1998, a prefeitura de Salvador promoveu um concurso para professores. Minha mãe me convenceu a fazer a prova, porém não me achava capaz de passar porque iria concorrer com pessoas que tinham feito faculdade e eu ainda não tinha cursado. Para minha felicidade passei e em fevereiro de 2002 fui convocada e agraciada com uma turma de Educação Infantil.

Inicialmente senti diferença da realidade da escola municipal para a partícula no que se refere aos materiais de uso diário. No ensino privado os materiais de uso do professor e alunos são suficientes para atender o ano letivo, enquanto que tal realidade não condiz com o ensino público. Assim, se quisesse fazer algo diferente precisava investir meus próprios recursos financeiros. Confesso que tive dificuldade em me adaptar, mas, com a ajuda da equipe e com o curso oferecido aos professores da Rede Municipal neste mesmo período reencontrei a alegria de trabalhar e me sentir realizada na profissão que escolhi.

Para minha alegria, no mesmo ano que entrei na prefeitura de Salvador passei no vestibular da Faculdade Jorge Amado em parceria com a prefeitura de Salvador, no curso Normal Superior para Séries Iniciais. Conclui meu curso e através dos novos conhecimentos adquiridos aprimorei minha prática pedagógica.

Posteriormente, por motivos pessoais precisei mudar de escola e fiquei afastada da Educação Infantil cerca de cinco anos. Atualmente, voltei a lecionar no segmento infantil no Centro Municipal de Educação Infantil (CME), como professora do grupo cinco, matutino e a tarde exerço o cargo de vice-diretora na mesma Unidade Escolar. Apesar de funções diferentes a que mais me realizo é de atuar em sala de aula, pois ensino e aprendo com meus alunos todos os dias. Como afirma Vygotsky, nas relações com o meio há aprendizagem e isto se aplica na relação professor-aluno.

O retorno à sala de aula foi um divisor de águas na minha vida profissional, pois percebi mudanças pessoais referente ao tratar, cuidar, trabalhar em sala, atitudes, conceitos na forma de enxergar o outro e na valorização da aprendizagem através da ludicidade.

Como educadora e pesquisadora, pois o professor é um eterno aprendiz sempre em busca de novos conhecimentos, encontrei neste curso de especialização voltado para o segmento infantil, o que precisava. Aprimorar meus conhecimentos através de concepções pedagógicas aplicáveis ao segmento infantil, tendo consciência da magnitude deste primeiro contato da criança com a escola que resultará no seu sucesso ou fracasso. Por isso, é necessário que o professor da Educação Infantil tenha consciência que seu papel não se resume apenas em cuidar, e sim de ser o mediador no desenvolvimento cognitivo, socioemocional, psicomotor e afetivo de seus alunos.

Ao tomar conhecimento do resultado do processo seletivo para o Curso de Especialização para Docência na Educação Infantil, (CEDEI) promovido pela Universidade Federal da Bahia, senti uma alegria imensa, pois tinha conseguido passar numa seleção na qual o critério era um instrumento que eu nunca tinha feito na vida, a escrita de um memorial. Quando descobrir que tinha passado foi uma emoção única, assim fui providenciar os documentos necessários para a matrícula e tomei conhecimento que no próximo final de semana seria realizado um seminário de três dias; sexta à noite, sábado o dia todo e domingo pela manhã.

Alegria, ansiedade, excitação foram os sentimentos que me acompanharam durante a semana até o grande dia chegar. Nesse dia, tive a oportunidade de assistir a uma palestra com o Dr. Claudemir Belintane que me fez repensar a forma de fazer os registros de sala, pois estes precisam ser uma peça viva, que fique claro para quem lê a essência da criança e não somente os conceitos e habilidades. Nesta palestra ficou claro sobre a importância do professor ter sempre uma história, música ou filme, ou seja, o plano B, para que o cotidiano das crianças não se torne monótono e contribua para o desinteresse nas atividades propostas em sala.

Com a oficina Brinquedos e Brincadeiras no cotidiano da Educação Infantil, a professora Leila Soares abordou a escrita e mostrou a importância das atividades desenvolvidas no dia a dia de sala de aula, e o quanto devemos incentivar os desenhos, as escritas, a escuta, a necessidade de a criança experimentar para aprender. Na ocasião, destacou-se que o brincar não pode se distanciar da cultura na qual a criança está inserida e que na brincadeira as crianças também produzem uma cultura própria. Isto ocorre através das suas próprias interpretações dando sentido às experiências vividas, por isso devemos estar sempre atentos a ouvir, responder as perguntas e tentar ouvir os pais das crianças com problemas, pois muitas vezes a história familiar dessas crianças interfere diretamente na sua aprendizagem.

Durante o curso da pós e várias discussões em sala, comecei a questionar sobre a rotina que mantinha com as crianças em sala. Toda a rotina é feita pelos professores e em nenhum momento é perguntado às crianças o que elas querem ou gostariam de fazer. Ao perceber que a atividade não está atrativa procuro fazer algumas mudanças, mas não as escuto. Na ânsia de descobrir o que fazer, certo dia resolvi colocar o planejamento de lado e ouvi-los, sendo assim, para minha surpresa, as atividades foram realizadas com muito prazer e envolvimento.

Com base nessa experiência, me questiono sobre a forma como minha rotina é planejada e de que forma posso estar modificando meus atos, a fim de promover não só uma aula satisfatória, mas prazerosa e com significado de forma que queiram voltar no outro dia.

1.1. POR UM SENTIDO À PESQUISA

Esta pesquisa pretende analisar a relação na escuta da criança na construção da rotina, a fim de oportunizá-la a uma qualidade no ensino da Educação Infantil que lhe proporcione interesse e participação nas atividades.

Dessa forma, este estudo busca perceber a necessidade da escuta sensível do professor para com seus alunos a fim de que estes expressem seus sentimentos, desejos, ansiedades, frustrações, ou seja, deixá-los a vontade para se expressar e assim estabelecer um vínculo afetivo e de confiança para com seu trabalho.

O problema desta pesquisa refere-se sobre como elaborar uma rotina atrativa e significativa na Educação Infantil a partir da escuta dos alunos. Destarte, este estudo pretende analisar como as rotinas são construídas na escola, e como as crianças reagem a estas. Partindo dessa premissa pretende-se perceber a importância na escuta da criança no que se refere a sua participação na rotina, além de refletir sobre o papel do professor nesse processo. Por isso, a pergunta norteadora desta pesquisa é: Qual é o papel da criança na construção de uma rotina atraente e significativa na Educação Infantil?

Os subsídios deste trabalho fundamentam-se na pesquisa exploratória que consiste no levantamento bibliográfico de Vygotsky, Didonet, Gustavo Heidrich, Oliveira, Sidnei Macedo entre outros além de documentos oficiais que tratam sobre a Educação Infantil, a Constituição Brasileira Federal, a Lei de Diretrizes e Bases (LDB) e Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI), sites, revistas, livros e artigos que tratam sobre o tema.

A abordagem desta pesquisa é qualitativa por apresentar algumas características básicas que a torna pertinente para o presente trabalho. Dentre elas, o fato de que a pesquisa qualitativa não se apresenta como processo linear, mas possibilita divisão construtiva e interpretativa do conhecimento, tornando-se, assim, significativa para o estudo das atividades rotineiras e cotidianas no contexto escolar. Outra característica bastante instigante e motivadora para a escolha da abordagem

qualitativa deve-se ao fato que este tipo de pesquisa ocorre num cenário, natural em que o pesquisador sempre vai ao encontro dos participantes para a construção dos dados. Outra opção de pesquisa qualitativa deve-se ao fato de incluir “[...] a comunicação do pesquisador com o campo e seus membros como parte explícita da produção do conhecimento, ao invés de excluí-lo ao máximo como uma variável intermediária [...]” FLICK (2004, p.22).

O instrumento principal dessa pesquisa será a escuta, tendo em vista que na rotina escolar as atividades realizadas entre os sujeitos envolvidos no processo de construção do conhecimento e da própria organização da rotina, não são ouvidos. Destaco ainda que a observação e registro serão realizadas com base na escuta, pois, se faz necessário perceber como as crianças se comportaram ao perceber a rotina modificada.

A observação da classe do grupo cinco da Educação Infantil em um CMEI do município de Salvador, segmento em que atuo há cinco anos como docente, percebo que muitas atividades aplicadas na minha rotina não fazem sentido para meus alunos visto que esta é elaborada por mim sem nenhuma escuta ou participação dos alunos.

Sabendo da importância na elaboração da rotina na Educação Infantil percebo que estou presa a metodologias engessadas que contribui para uma postura de detentora do saber sendo a única autora dessa rotina. Através desta prática esqueço-me de que na sala sou mero coadjuvante, pois para a atividade funcionar os alunos tem que participar. Entretanto, quando mudo a rotina e promovo a escuta dos meus alunos as atividades transcorrem de maneira bem mais participativa e produtiva. Portanto, a ação mais importante nessa abordagem é a escuta das crianças na construção da rotina na escola.

As DCNEI (Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil) manifestam a importância das crianças na centralidade do planejamento das rotinas. Práticas pedagógicas que compõem a proposta curricular da Educação Infantil devem ter a escuta da criança na elaboração da rotina em sala de aula. Ao pesquisar sobre o assunto percebi que existem vários trabalhos de pesquisa sobre o tema “rotina”, mas com o enfoque na escuta da criança na elaboração da rotina encontrei pouco material. O fato é que devemos enxergar as crianças como atores sociais, capazes de produzir mudanças, protagonistas das ações e reações desenvolvidas em seu espaço.

Lopes e Moura (UFRN, 2009) apresentam em seus estudos que é preciso repensar os modos tradicionais que se tem pensado a rotina em creches e pré-escolas com base na compreensão de criança como sujeito concreto, real, singular, vulnerável, mas capaz de ser um agente transformador de sua realidade. Assim, como Nunes (2009), que numa investigação percebeu que a escuta do aluno contribui para a qualidade da aprendizagem na escola. Quando o professor dá a devida importância aos sentimentos, às falas, às representações, ao entendimento das crianças, isso pode servir de referência para a tomada de decisões na sua prática com muito mais significado e resultado.

Portanto, depois de todas as minhas inquietações e leituras percebi que é preciso escutar e valorizar mais as falas dos alunos, o que pensam e assim construir uma rotina atrativa que contemple meus objetivos e a satisfação das crianças. Dessas inquietações, surge o problema de pesquisa: qual o papel da criança na elaboração de uma rotina atraente e significativa na Educação Infantil?

Para responder a esse questionamento, esta pesquisa tem como objetivo geral analisar a relação entre a escuta da criança na construção da rotina, a fim de, oportunizar a qualidade do ensino da Educação Infantil e principalmente o interesse e a participação das crianças nas atividades. Para atingi-lo os objetivos específicos são: (i) Analisar as falas das crianças a respeito da rotina escolar pré-estabelecida; (ii) Propor mudanças com as crianças a partir de suas falas na rotina escolar. (iii) identificar os impactos ocorridos após as mudanças na rotina, feitas a partir da escuta das crianças.

Este trabalho está dividido em cinco capítulos. O primeiro apresenta uma explanação geral sobre o trabalho. Posteriormente, no segundo capítulo apresento o histórico da Educação Infantil no Brasil, como se originou as creches e escolas deste segmento educacional bem como os aspectos legais que defendem esta modalidade de ensino. Este capítulo trata ainda sobre a formação de professores que atuam na Educação Infantil e a importância deste segmento educacional para crianças de zero a seis anos.

Na sequência, no terceiro capítulo aborda-se a rotina e a necessidade da organização no tempo pedagógico em sala de aula, fator fundamental para o êxito das práticas pedagógicas e da aprendizagem das crianças.

O quarto capítulo é apresentado à metodologia, campo de pesquisa, sujeitos da pesquisa, dispositivos utilizados e a importância da escuta dos alunos na

elaboração da rotina escolar. Por fim, no último capítulo apresento os resultados e a conclusão desta pesquisa.

2 CONTEXTO HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO INFANTIL NO BRASIL

A partir da industrialização e da urbanização do país, surge no final do século XI no Brasil, a instituição denominada de creche. Esta tinha a responsabilidade de cuidar das crianças pequenas a fim de liberar a mulher para o mercado de trabalho, assim rompeu-se o estigma de que os cuidados das crianças pequenas eram de exclusividade da família, em particular a mãe.

Segundo Didonet (2001, p.13) :

Enquanto para as famílias mais abastadas pagavam uma babá, as pobres se viam na contingência de deixar os filhos sozinhos ou colocá-los numa instituição que deles cuidasse. Para os filhos das mulheres trabalhadoras, a creche tinha que ser de tempo integral; para os filhos de operárias de baixa renda, tinha que ser gratuita ou cobrar muito pouco; ou para cuidar da criança enquanto a mãe estava trabalhando fora de casa, tinha que zelar pela saúde, ensinar hábitos de higiene e alimentar a criança. A educação permanecia assunto de família. Essa origem determinou a associação creche, criança pobre e o caráter assistencial da creche.

Todavia, no decorrer dos tempos começa haver mudanças nas instituições destinadas a cuidar das crianças. Inicialmente seu papel era apenas o de cuidar, não havia a preocupação de educar as crianças de zero a cinco anos, somente atendiam às crianças de baixo poder socioeconômico. Com isso, estas entidades tinham uma visão assistencialista.

No Brasil, a partir de 1875, a infância passa a ter um olhar diferenciado, assim começa a surgir no Rio de Janeiro e São Paulo as instituições que ofereciam os jardins de infância baseados na ideia de Froebel. Sua ideia partia do princípio de que a infância tem um papel fundamental na formação das pessoas e as brincadeiras são uma ferramenta para se alcançar a aprendizagem das crianças. Contudo, estas mudanças foram aplicadas no sistema educacional privado a fim de atender exclusivamente às crianças filhas da emergente classe média industrial.

Segundo Oliveira (2002), o primeiro jardim de infância particular no Brasil fundado no Rio de Janeiro por Menezes Vieira, tinha como objetivo atender a alta aristocracia da época, visto que a única característica que distinguia ambas as instituições das já existentes no país era o modelo educacional inspirada em Froebel.

Em 1930, em virtude das lutas sindicais para defender a classe trabalhista brasileira, há uma mudança nesse atendimento pré-escolar oferecido às crianças a fim de atender à nova ordem da educação: pública, gratuita, e para todos.

A partir de 1975, o Ministério de Educação (MEC) assumiu responsabilidades na Educação ao criar a Coordenação de Educação Pré-Escolar que atendia crianças entre 4 a 6 anos. Paralelamente, o governo continuou promovendo políticas públicas para a Educação. Assim, em 1977, foi criada no Ministério da Previdência e Assistência Social, a Legião Brasileira de Assistência (LBA), com a finalidade de coordenar o serviço de diversas instituições independentes que eram responsáveis pelo atendimento às crianças de 0 a 6 anos. Essas instituições eram divididas em: comunitárias, localizadas e mantidas por associações e agremiações de bairros; confessionais, mantidas por instituições religiosas; e filantrópicas relacionadas a organizações beneficentes.

No ano de 1995, a LBA foi extinta e o Governo Federal continuou a repassar recursos para as creches por meio da assistência social. Nesse mesmo período, passou a haver uma separação entre o atendimento oferecido, as creches de 0 a 3 anos passaram a ser destinadas às camadas populares enquanto que a pré-escola era voltada para as classes média e alta. Numa entrevista, a ex-coordenadora de Educação Infantil do MEC, Karina Rizek, salienta que

Essa é uma separação que funda a Educação Infantil no país. As creches, totalmente financiadas pela assistência social, eram vistas como uma alternativa de subsistência para crianças mais pobres e estavam orientadas para cuidados em relação à saúde, higiene e alimentação. Já a pré-escola passou a ser encarada como a porta de entrada das crianças ricas na Educação (Gustavo Heidrich, 2010).

A partir do Programa de Formação Inicial para Professores em Exercício na Educação Infantil (Proinfantil), 2005, fica claro que a Educação Infantil pode englobar todas as modalidades educativas vividas pelas crianças pequenas antes mesmo de atingirem a idade da escolaridade obrigatória. Essa educação refere-se tanto à educação familiar e convivência comunitária, como a educação recebida em instituições específicas.

2.1 ASPECTOS LEGAIS DA EDUCAÇÃO INFANTIL NO BRASIL

No que tange aos aspectos legais da Educação Infantil no Brasil, creches e jardins de infância encontram-se agora na categoria de escolas infantis e são regidas de acordo com a Lei de Diretrizes e Bases para a Educação Nacional, a Lei 9394/96 (BRASIL, 1996).

De acordo com a legislação voltada para a Educação Infantil, a proposta estabelecida pela Constituição de 1988, em que se expressa o dever social, estatal e parental para com a defesa e a garantia do direito da criança – previsto no artigo 227 diz que:

É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança e ao adolescente, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência e opressão (BRASIL, 2012 p. 128).

Em outro ponto da Constituição, no art. 7º inciso XXV, designa a gratuidade de assistência aos filhos e dependentes dos trabalhadores com idade entre zero a seis anos de idade, em creches e pré-escolas. Entretanto, deve-se considerar nestas instituições de Educação Infantil tanto o caráter assistencial com também os aspectos educativos utilizados para o êxito na educação destas crianças.

Na educação brasileira, a Educação Infantil é o primeiro estágio em que as crianças começam a ter experiências e de acordo com a atual Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), Art. 29 este segmento educacional tem “[...] como finalidade o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade”.

A partir da Lei nº. 11 274, de 06 de fevereiro de 2006, o atendimento oferecido pela Educação Infantil compreende crianças até cinco anos e o ensino fundamental passa a ser de nove anos.

Todavia, a Educação Infantil não era valorizada e as leis existentes não eram claras quanto à oferta deste segmento educacional. Prova disso, é a Lei nº. 4024/61 e 5692/71 que abordavam a Educação Infantil sem maiores detalhes quanto à sua

oferta. Assim, na Lei 4024/61 a Educação Infantil é mencionada no título VI, da educação pré-primária, em apenas dois artigos, sem determinar as diretrizes ou orientações para sua concretização:

Art. 23 A educação pré-primária destina-se aos menores até sete anos, e será ministrada em escolas maternais ou jardins de infância.

Art. 24 As empresas que tenham a seu serviço mães de menores de sete anos serão estimuladas a organizar e manter, por iniciativa própria ou em cooperação com os poderes públicos, instituições de educação pré-primária (BRASIL, 1961).

Na Lei 5692/71 recomendava-se a Educação Infantil às instituições de ensino que assumissem essa função, conforme § 2º, Art. 19 “Os sistemas de ensino velarão para que as crianças de idade inferior a sete anos recebam conveniente educação em escolas maternais, jardins de infância e instituições equivalentes”.

Através da Constituição Federal Brasileira de 1988, a Educação Infantil passa a ser mais específica quando afirma em seu artigo 208, “O dever do Estado com a educação será efetivado mediante a garantia de: [...] IV- Atendimento em creche e pré-escola às crianças de zero a seis anos de idade”.

Dessa forma, com base na determinação da Constituição Federal, a Educação Infantil passa a receber um pouco mais de atenção na Lei 9394/96, na seção II,

Art. 29 A educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade.

Art. 30 A Educação Infantil será oferecida em:

I- creches, ou entidades equivalentes, para crianças de até três anos de idade;
II- pré-escolas, para crianças de quatro a seis anos de idade (BRASIL, 1996).

Sendo assim, a partir dos anos 80, passa-se a ter conquistas históricas e legais quanto à criança e sua educação, pois há na Constituição Federal de 1988 e no Estatuto da Criança e do Adolescente (1990), o reconhecimento da educação como direito da criança de 0 a 6 anos. Além disso, estabelece como dever do Estado, a responsabilidade de colaborar com os municípios cumprimento do "atendimento em creches, (0 a 3 anos) e pré-escolas (4 a 6 anos)", definindo-as

como instituições educacionais. Porém, para um trabalho de qualidade Fiel (2002) afirma que:

Imersos nessa sociedade, as famílias e os profissionais da Educação Infantil têm vivenciado com muita satisfação essa coerência de que a criança tem direito à educação e de que esta tem que ser da mais alta qualidade, não se tolerando mais, absolutamente, que a criança fique destinada a uma instituição de baixa qualidade, de qualquer jeito, sem a preocupação com ela no momento presente e com o seu futuro desenvolvimento. Uma escola destinada a criança de zero a seis anos não pode ser razoável. Ela tem que ser excelente (FIEL, 2002, p.7).

Portanto, uma vez que se considera a Educação Infantil como etapa inicial da Educação Básica, com suas especificidades em relação aos demais níveis de ensino – respaldadas pela indissociabilidade das ações de cuidar e educar em todos os âmbitos de atuação –, busca-se construir uma identidade própria da Educação Infantil, em sintonia com as necessidades e interesses das crianças e suas famílias no contexto da modernidade.

2.2 A FORMAÇÃO DE PROFESSORES QUE ATUAM NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Ao se falar na formação do professor de Educação Infantil pretende-se enfatizar a importância da qualificação deste profissional no que se refere à complexidade do cuidar e educar as crianças, pois estas devem ser vistas como um ser social que necessita de uma educação específica e de qualidade para sua faixa etária.

Inicialmente, o princípio na formação do professor que atuava com crianças da Educação Infantil deveria ser pessoas do sexo feminino por ter mais qualidades em cuidar destas crianças. Assim, o Ministério de Educação nas décadas de 70 e 80 estabelecia: “[...] a imagem do profissional para a Educação Infantil por intermédio da mulher ‘naturalmente’ educadora nata, passiva, paciente, amorosa, que sabe agir com bom senso, é guiada pelo coração, em detrimento da formação profissional” (ARCE, 2001, p.182).

Ainda segundo a autora, os espaços que ofereciam o atendimento de Educação Infantil, bem como os profissionais que ali atuavam são descritos da seguinte maneira:

Utilização de espaços ociosos ou cedidos por outras instituições, uso de pessoal voluntário, cujo critério primordial para seleção é a boa vontade, são fatores que marcarão profundamente a Educação Infantil no Brasil nas décadas de 70 e 80. Trabalho voluntário será a tônica dos discursos direcionados ao profissional que deverá atuar com crianças menores de seis anos, terminando, desse modo, por caracterizar a sua não-profissionalização (ARCE, 2001, p. 176).

Tal afirmação deixa claro que naquele período pouco se exigia do profissional que atuaria com as crianças do segmento infantil, apenas boa vontade já era suficiente.

Posteriormente, exigia-se a formação destes profissionais, porém esta não tinha diferença com a formação dos professores primários. Isto mudou com a Lei de Diretrizes e Bases nº 5.692/71 que estabelecia o *curso* de Magistério para *habilitação específica* para o Magistério em nível de 2º grau. Todavia, em 1975, o Parecer do Conselho Federal de Educação nº 1.600 regulamentava a formação do professor da pré-escola no curso de Magistério de 2º grau na forma de uma 4ª série, após três anos de formação do Magistério (PIMENTA, 1994).

De acordo com Kishimoto (1999), os Institutos de Educação que formavam professores deixaram de existir e a partir de 1930, os profissionais que desejavam se habilitar tinha que buscar os cursos de Pedagogia. Paralelamente, havia a Escola Normal e Instituto de Educação que formavam os profissionais para atuarem na Pré-escola e Séries Iniciais do Ensino Fundamental.

A autora continua ao afirmar que neste período existia duas Universidades Federais que ofereciam curso com Licenciatura em Educação Pré-escolar. Nos anos seguintes, outras universidades públicas passaram a oferecer esse curso em função da demanda, sendo que na década de 1970 houve oferta deste curso por instituições privadas.

Todavia, a formação profissional para o professor de Educação Infantil surge por meio da Constituição Brasileira Federal de 1988, o Estatuto da criança e do adolescente, a Lei de Diretrizes e Bases e a Lei Orgânica de Assistência Social.

Não obstante, até meados da década de 80, a legislação brasileira era falha por não dar importância para a educação de crianças de 0 a 6 anos, assim passou a existir um movimento crítico para reverter esta situação. Destarte, as reivindicações tinham como objetivo lutar pelos direitos das crianças através da Comissão Nacional da Criança e o Conselho Nacional dos Direitos da Mulher. Estes buscaram

“sensibilizar os legisladores para diferentes questões, entre as quais os direitos da criança” (CAMPOS; ROSEMBERG; FERREIRA, 1993, p. 17).

Dessa maneira, a partir da Constituição Federal Brasileira de 1988, fica determinado que o dever do Estado em oferecer educação a crianças de 0 a 6 anos, pois, a educação é um direito da criança.

Outro documento que valida a Constituição é o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) ao confirmar: “É dever do Estado assegurar [...] atendimento em creches e pré-escolas às crianças de 0 a 6 anos de idade”. Assim, a partir da aprovação do ECA, organizou-se comissões municipais e conselhos tutelares que tem comovido a sociedade para o direito das crianças, entre estas, a educação.

A partir da LDB, Lei nº 9.394/96 nos artigos 61 e 62 fica estabelecida as diretrizes necessárias na formação do professor para atuar na Educação Infantil:

Art. 61: Consideram-se profissionais da educação escolar básica os que, nela estando em efetivo exercício e tendo sido formados em cursos reconhecidos, são:

III - trabalhadores em educação, portadores de diploma de curso técnico ou superior em área pedagógica ou afim.

Art. 62: A formação dos docentes para atuar na educação básica far-se-á em nível superior, em curso de graduação plena, em universidades e institutos superiores de educação, admitida como formação mínima para o exercício do magistério na Educação Infantil e nas quatro primeiras séries do ensino fundamental, a oferecida em nível médio, na modalidade normal.

Dessa forma, a legislação deixa claro como deve ser aplicada a formação do professor de Educação Infantil, apenas profissionais habilitados em cursos de magistério ou cursos superiores.

Nesse ínterim, dez anos após a publicação da LDB/96, houve a publicação das novas Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso de Pedagogia, elucidando-o como locus na formação de professores para a Educação Infantil e anos iniciais do Ensino Fundamental.

A formação dos profissionais da Educação Infantil deve adequar os conhecimentos teóricos direcionados para o desenvolvimento da criança e suas particularidades como também a sua prática pedagógica. A partir daí, ampliar os conhecimentos das teorias inerentes à Pedagogia a fim de melhorar a práxis pedagógica e o desempenho de seus alunos.

Segundo Carvalho (1999), para que haja interação do professor com a criança, sujeito interativo do processo de aprendizagem, é necessário que este profissional seja um sujeito ativo que constrói e reconstrói seu conhecimento a partir da interação com seu aluno. Assim, para oferecer um serviço de qualidade, o professor de Educação Infantil precisa oferecer um atendimento articulado com diversos saberes e conhecimentos específicos destacando que, o planejamento adequado para este segmento deve ter como base os aspectos motor, cognitivo, social e emocional, considerando a escuta da criança como elemento norteador desse planejamento.

Portanto, é de suma importância que o professor da Educação Infantil seja um profissional que busque o saber enquanto pesquisador de sua própria prática e que saiba dialogar com os especialistas das várias áreas. Assim, para atuar na Educação Infantil, o professor deve buscar constantemente cursos de formação, especialização, etc. que façam a diferença, pois como formador de opiniões necessita estar em constante transformação para adequar-se às novas exigências do mundo globalizado.

2.3 A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO INFANTIL

A Educação Infantil é o início da vida escolar da criança, ou seja, é a primeira etapa da educação onde a criança começa desenvolver os aspectos cognitivos e afetivos, às relações interpessoais e sua inserção social. Todavia, a grande responsabilidade da Educação Infantil, é compreender a criança como um ser único e com suas particularidades, pois cada uma tem um ritmo próprio de desenvolvimento.

Entretanto, ao defender uma educação de qualidade no segmento infantil faz-se necessário que a escola contribua para a formação deste sujeito. Para isso, o professor da Educação Infantil precisa ter conhecimento sobre as especificidades e situações inerentes da infância para promover o desenvolvimento adequado das mesmas.

Para Angotti, (2006, p.25):

Olhar a Educação Infantil, enxergá-la em sua complexidade e sua singularidade significa buscar entendê-la em sua característica de formação

de crianças entre os 0 e 6 anos de idade, constituindo espaços e tempos, procedimentos e instrumentos, atividades e jogos, experiências, vivências ..., em que o educar possa acontecer e o educar possa promover condições de cuidado, respeitando a criança em suas inúmeras linguagens e no seu vínculo estreito com a ludicidade.

Essas afirmações provam que o professor de Educação Infantil deve conhecer todas as peculiaridades desta fase, integral e real, a fim de realizar as ações de cuidar e principalmente educar por meio da ludicidade.

De acordo com novos estudos, a prática educativa do professor de Educação Infantil deve ser pautada na concepção dos conceitos de infância e educação infantil, a fim de conseguir estabelecer de forma integrada a relação entre o cuidar e o educar.

Nunes (200, p. 105) enfatiza que:

Saber mais sobre o significado das experiências vividas no início da escolaridade para o processo de desenvolvimento infantil, bem como para a continuidade da vida escolar representa a possibilidade de contribuir na construção de propostas que permitam acolher as crianças para melhor atender suas necessidades, facilitando-lhes estabelecer interações mais produtivas com esse novo contexto.

Sendo assim, ao fazer o planejamento o professor deverá organizá-lo considerando as *necessidades biológicas* das crianças relacionadas ao repouso, à alimentação, higiene e sua faixa etária; as *necessidades psicológicas* referente à individualidade da criança relacionado ao tempo e ritmo para realizar as atividades propostas; as *necessidades sociais e históricas* que dizem respeito à cultura e ao estilo de vida, como as comemorações significativas para a comunidade onde se insere a escola e também as formas de organização institucional da escola infantil (BARBOSA, HORN, 2001, p. 68). Isto porque, ao destacar a relação do desenvolvimento da criança com o ensino, o professor estará estabelecendo um espaço de interação e mediação respeitando a diversidade, o momento e a realidade da infância.

Todavia, para o êxito do professor que atua neste segmento é necessário compreender que o ensinar e aprender são fundamentais para a qualidade da Educação Infantil e estão definidos no Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (1998). Este documento serve como um norteador, além de

proposta curricular para creches e pré-escolas, pois se trata de um guia prescritivo das ações atribuídas a este profissional como também identifica as contribuições das diferentes áreas do conhecimento na organização das atividades a serem elaboradas para os alunos. Concordando com esse ponto de vista, Moreno (2007) afirma que,

O trabalho pedagógico na educação infantil deve respeitar a criança quanto aos seus direitos e especificidades, isto é sua essência lúdica; sua constante curiosidade; seu desenvolvimento físico. Cognitivo. Afetivo e social; sua dependência e / ou necessidade de ajuda no cuidado com seu corpo, com sua alimentação, seus pertences etc (MORENO, 2007, p.57).

Dessa forma, a escola deve ter a responsabilidade de arcar com um espaço que promova o desenvolvimento da criança em cada fase escolar. Conforme Bujes (2001, p.21 apud HERMIDA, 2007, p. 227), a Educação Infantil deve oferecer condições favoráveis às crianças como acolhimento, segurança e o desenvolvimento das habilidades sociais. Isto porque, ao se falar em escola não significa apenas o ambiente físico, mas também em respeitar esta criança como ser social, que produz e realiza trocas culturais com seus pares.

3 IMPORTÂNCIA DA ROTINA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

O primeiro contato da criança de Educação Infantil com a escola é muitas das vezes traumático porque no momento em que esta é deixada na escola, rompem-se os laços com a família relacionados à segurança e proteção. Assim, para melhor ampará-la nessa nova experiência utiliza-se a rotina que favorece numa boa relação da criança com o mundo.

De acordo com o RCNEI, a rotina na Educação Infantil é importante para avaliar o desenvolvimento da criança e a proposta pedagógica curricular aplicada com as crianças. Entretanto, a realidade na Educação Infantil é muito diferente. As rotinas são monótonas e repetitivas e as crianças já as fazem mecanicamente. O fato é que se o professor utilizar todo dia a mesma rotina, as crianças ficarão cansadas, apáticas e com pouco interesse em participar das atividades.

No entanto, Ramos (1998 apud BARBOSA, 2008, p. 151) apresenta uma realidade presente nas salas de Educação Infantil:

As crianças já internalizaram as rotinas: para poder merendar é preciso lavar as mãos, para ir ao pátio é preciso guardar todos os brinquedos ou materiais didáticos. Cada momento guarda uma ligação com o outro, principalmente como sequência, e não, como seria interessante, como significado.

Todavia, qual a importância da rotina? Será que estas devem ser reproduzidas sem nenhum sentido, apenas pelo hábito de fazê-la diariamente? O principal objetivo em realizar a rotina é organizar a criança na realização das atividades e ao professor torná-lo mais seguro por saber o que está fazendo na sua prática pedagógica. Destarte, a rotina deve ser estabelecida pelos sujeitos envolvidos no processo pedagógico, porém este deve ser flexível e dinâmico, a fim de atrair o interesse, a participação das crianças e organização do ambiente.

Segundo Reis Lima, Gáscon e Dias (2011), a rotina é importante visto que é uma forma se aproveitar o tempo e conteúdo a ser trabalhado. Nessa perspectiva, a rotina é vista como estrutura gerenciadora de tempo e do espaço com padrões fechados. Como tornar crianças autônomas e pensantes se não lhes dermos oportunidades de construir novas regras; a livre escolha de atividades?

Barbosa (2008) contrapõe-se a essa ideia de que é possível a (re) invenção do cotidiano na escola infantil, porém é necessário que os adultos responsabilizem-se pelo seu próprio tempo rompendo a repetição e diminuindo o estresse por fazer tudo sempre igual. Para isso, faz-se necessário ouvir as crianças e os próprios educadores, sobre tudo o que eles têm de inovador, criativo, permitindo usar o tempo da melhor forma possível.

3.1 ORGANIZAÇÃO NO TEMPO PEDAGÓGICO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

O Dicionário da Língua Portuguesa (2016), define a palavra rotina como caminho sabido ou habitualmente trilhado, hábito de fazer as coisas sempre da mesma forma, prática constante, aversão às inovações.

Na Educação Infantil é possível pensar a rotina como uma estrutura que desenvolve o trabalho cotidiano nas instituições de ensino voltadas ao atendimento de crianças pequenas.

Para Barbosa (2008), a rotina é uma categoria em que os responsáveis pela Educação Infantil a estruturam para desenvolver o trabalho cotidiano nas instituições educativas infantis. Este conceito delinea a rotina como estrutura fundamental para o desenvolvimento das atividades diárias nas creches e pré-escolas.

O Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil descreve a rotina como um instrumento de dinamização da aprendizagem, facilitador das percepções infantis sobre o tempo e o espaço (BRASIL, 1998, p. 73). Sendo assim, a rotina na Educação Infantil deve ser uma grande ferramenta pedagógica para o professor e não um meio para reprimir as crianças. De acordo com RCNEI (1988, p. 63):

A rotina na educação infantil pode ser facilitadora ou cerceadora dos processos de desenvolvimento e aprendizagem. Rotinas rígidas e inflexíveis desconsideram a criança, que precisa adaptar-se a ela e não ao contrário, como deveria ser; desconsideram também o adulto, tornando seu trabalho monótono, repetitivo e pouco participativo.

Entretanto, Barbosa (2008) revela que há questões determinantes e condicionantes associadas à organização das rotinas, destacando as questões

legais, administrativas para a construção das convenções e das regras de funcionamento institucional. No entanto, ressalta que há uma funcionalidade dessas questões, mas não um determinismo, pois nada impede que se pense em construir uma rotina na Educação Infantil de qualidade. Sendo assim, devemos usar a promoção de desenvolvimento e a participação de cada criança no seu processo educativo, bem como garantir a igualdade de oportunidades.

Não obstante, a melhor definição para rotina é, uma sequência de costumes ou procedimentos habituais descritos em um planejamento que estabelece o plano de trabalho a ser realizado em sala com as crianças. Esta tem um papel fundamental na vida escolar da criança visto que a oportuniza ter segurança e domínio do espaço e tempo que fica na escola. Porém, esta rotina deve ser construída a partir de um conjunto de atividades que possibilitem a criança a ter competência como iniciativa, segurança, confiança, etc.

Segundo Bassedas, Huguet e Sole (1999):

[...] a palavra "rotina" tem, no seu sentido habitual, um caráter pejorativo, porque nos faz pensar em conduta mecânica. Já falamos anteriormente sobre a importância dessas atividades do ponto de vista do desenvolvimento. Tratam-se de situações de interação, importantíssimas, entre a pessoa adulta e a criança, em que a criança parte de uma dependência total, evoluindo progressivamente a uma autonomia que lhe é muito necessária (BASSEDAS, HUGUET e SOLE, 1999, p.2).

A rotina representa também a organização do tempo pedagógico a ser realizado com as crianças. Entretanto, a rotina deve envolver os cuidados, as brincadeiras e a situações de aprendizagens orientadas (BRASIL, V.1, 1998, p.54).

Conforme Maria Barbosa e Maria Horn (2001), ao elaborar as atividades para as crianças estas devem ter uma sequência que devem ser pensadas a partir da realidade da turma e da necessidade individual de cada aluno. Desta maneira, cabe ao professor de Educação Infantil ter sensibilidade para compreender a criança como sujeito ativo, reconhecendo as suas singularidades, considerando não somente o contexto sociocultural deste aluno como também o da instituição.

Para Proença (2004 p. 13), ao elaborar seu planejamento, o professor deve refletir sobre a construção desse documento que deve apresentar a estrutura o dia a

dia da criança e professores de forma organizada evitando assim, uma desorganização na execução do que foi planejado. Todavia, a autora destaca que é necessário priorizar as necessidades e dosagem das atividades.

A partir da organização da rotina deve-se considerar o tempo que a criança permanece na escola e criar um planejamento flexível que pode ser adaptado ou alterado de acordo com algum imprevisto. Porém, durante o período que a criança ficar na escola o professor deve ter o cuidado de não deixá-la sozinha, assim um adulto tem que acompanhá-la com atividades diversas: manter um diálogo, brincar, educar, a fim de que esta esteja em segurança no ambiente escolar e não crie traumas futuros.

A organização da rotina orienta as crianças no tempo e no espaço como também, o trabalho do professor, pois favorece a organização e sucesso na aprendizagem dos alunos. Assim, as atividades devem partir do trabalho com o nome da criança, verbalização de situações diversas, problematização, incentivação de respostas, oportunização de experiências para a resposta dos questionamentos feitos pelo professor e eles mesmos.

Contudo, durante a elaboração do planejamento, o professor deve atentar para situações imprescindíveis na Educação Infantil e organizar o tempo para: entrada e saída, realização das atividades, refeições, higiene e descanso. Entretanto, o que fazer em cada uma dessas situações?

Entrada e saída: observar como a criança se comporta com os colegas, sua segurança em ir e vir, o diálogo que estabelece na sua chegada com seu responsável e funcionários da instituição, a maneira como se relaciona com as pessoas interage com o espaço e as pessoas que a cercam;

Tempo das atividades: trabalhar o desenvolvimento da linguagem, motricidade, afetividade, relações interpessoais, a forma como a criança lida com o objeto de aprendizagem, como expressa e compreende as regras de convívio social estabelecidos na sala.

Tempo das refeições: proporcionar a autonomia da criança em se alimentar, portar à mesa, utilizar os utensílios e mastigar.

Tempo da higiene: promover o reconhecimento do corpo humano e suas funções, hábitos de higiene, agilidade ao vestir-se e despir-se.

Tempo do descanso: acompanhar o tempo de repouso da criança e como esta reage quando um colega quer dormir e não brincar, organização do espaço escolar mediante instruções do professor.

Vale ressaltar que além dessas atividades deve-se considerar a necessidade de realizar em todos os momentos atividades que permitam experiências múltiplas que estimulem a: criatividade, experimentação, imaginação, interação e desenvolvimento das distintas linguagens. Entretanto, com base nas sugestões acima mencionadas, ao elaborar o tempo pedagógico o professor deve perceber as diferenças entre as crianças quanto ao gosto e como estas demonstram suas relações interpessoais.

De acordo com Barbosa (2001), para organizar estas atividades no tempo adequado é necessário considerar três diferentes necessidades das crianças:

As necessidades biológicas, como as relacionadas ao repouso, à alimentação, à higiene e à sua faixa etária; as necessidades psicológicas, que se referem às diferenças individuais como, por exemplo, o tempo e o ritmo que cada um necessita para realizar as tarefas propostas; as necessidades sociais e históricas que dizem respeito à cultura e ao estilo de vida, como as comemorações significativas para a comunidade onde se insere a escola e também as formas de organização institucional da escola infantil. (BARBOSA; HORN, 2001 p. 68).

Sendo assim, a escola e os professores devem conhecer o dia a dia da criança através da família para não partir do pressuposto que todas são iguais e tem as mesmas necessidades.

Em 1988, foi criado o RCNEI (Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil). Este documento foi elaborado pela Coordenação Geral de Educação Infantil (COEDI) juntamente com o Ministério de Educação e Cultura (MEC) para nortear a prática pedagógica do professor de Educação Infantil. Apesar do RCNEI (1988) orientar os profissionais de educação quanto a sua prática, educar e cuidar das crianças de Educação Infantil, ainda há instituições que impõe uma rotina que pré-estabelece um tempo para todas as atividades sem considerar as crianças como um ser único com gostos, tempo de aprendizagem e personalidade diferentes.

Batista (1988, p.46) descreve:

Na creche há indícios de que as atividades são propostas para o grupo de crianças independente da diversidade de ritmos culturais das mesmas. Todas as crianças são levadas a desenvolver ao mesmo tempo e no mesmo espaço uma mesma atividade proposta pela professora. Trabalha-se com uma suposta homogeneidade e uniformidade dos comportamentos das crianças. Parece que há uma busca constante pela uniformização das ações das crianças em torno de um suposto padrão de comportamento. Se espera que a criança comporte-se como aluno: aluno obediente, aluno ordeiro, aluno disciplinado, entre outras.

Portanto, com a padronização das atividades e tempo destinado às crianças, o resultado não será satisfatório, pois é necessário considerar a singularidade de cada criança. Todavia, para conhecer cada criança e adequar o planejamento ao ritmo de cada uma, o professor deve ter uma escuta sensível para que a escola não seja mera transmissora de conteúdo, mas sim uma entidade comprometida com a humanização.

Segundo Vygotsky “[...] o aprendizado humano pressupõe uma natureza social específica e um processo através do qual as crianças penetram na vida intelectual daquelas que as cercam” (1991, p.99). Assim, através da escuta sensível do professor para com as crianças há uma interação que estabelece os vínculos afetivos que contribuirão significativamente para a aprendizagem. Nessa perspectiva, a prática pedagógica baseada no relacionamento é formada por sujeitos com afinidades e habilidades diferentes. Por isso, a prática pedagógica deve estar pautada em princípios de liberdade, autonomia, diversidade, valores, etc.

Sendo assim, para que a rotina seja realizada de forma significativa, é necessário que as crianças sejam ouvidas pelo professor, e a partir daí, ao se elaborar a rotina deve-se atender aos interesses do grupo atrelado a linha pedagógica do professor. Não obstante, o professor já deve ter estabelecido com o grupo um vínculo afetivo de trabalho a fim de que, através da fala e escuta chegue-se a um consenso no trabalho elaborado em grupo. Isto representa uma gestão democrática, ação imprescindível na vida em sociedade.

4 METODOLOGIA

A metodologia escolhida para a realização desta pesquisa é a Etnopesquisa Crítica (MACEDO, 2004), que busca de compreender os etnométodos dos sujeitos, suas narrativas para acessar suas experiências, complexidade e singularidades. Macedo (2000) enfatiza que a Etnopesquisa crítica não é uma receita para se fazer pesquisa, mas uma construção epistemológica advinda das noções de complexidade de Edgar Morin e da abordagem multirreferencial de Jacques Ardoino.

4.1 MÉTODO E NATUREZA DA PESQUISA

Pesquisar com a experiência significa encontrar mundos subjetivos, incertos, ligados ao acontecer, ao singular. Portanto, acompanhar a experiência é mostrar as relações que estabelecem com os acontecimentos (MACEDO, 2015, p.52).

Desta forma, o objetivo da abordagem em discussão é proporcionar uma postura metodológica plural, menos rígida e fixa em procedimentos únicos. A abordagem qualitativa de pesquisa apresenta algumas características básicas que a torna pertinente para o presente trabalho.

O fato de que a pesquisa qualitativa não se apresenta como processo linear possibilita divisão construtiva e interpretativa do conhecimento, tornando-se, assim, significativa para o estudo das atividades rotineiras e cotidianas no contexto escolar. Por isso, este tipo de pesquisa oportuniza a construção do conhecimento nas interações sociais estabelecidas entre os sujeitos envolvidos no processo.

Outra característica bastante instigante e motivadora para a escolha da abordagem qualitativa deve-se ao fato que este tipo de pesquisa ocorre num cenário natural aonde o pesquisador sempre vai ao encontro dos participantes para a construção dos dados. Outra opção de pesquisa qualitativa deve-se ao fato de incluir “[...] a comunicação do pesquisador com o campo e seus membros como parte explícita da produção do conhecimento, ao invés de excluí-lo ao máximo como uma variável intermédia [...]” FLICK (2004, p22).

4.2 CENÁRIO DA PESQUISA

Esta pesquisa foi realizada no Centro Municipal de Educação Infantil, na zona urbana do município de Salvador. Esta é administrada pela Prefeitura Municipal do Salvador e oferece o atendimento de creche a 75 crianças e pré-escola a 158 crianças.

Esta Unidade é considerada de médio porte por possuir seis salas de aula e funciona em tempo parcial, nos turnos matutinos e vespertinos, atendendo a doze turmas de Educação Infantil (creche e pré-escola).

O CMEI possui 34 funcionários, sendo: uma diretora, duas vice-diretoras, uma coordenadora pedagógica, uma secretária, uma auxiliar de secretaria, duas merendeiras, cinco auxiliares de serviços gerais, seis Auxiliares de Desenvolvimento Infantil e quatro auxiliares de portaria. Também trabalham sete professoras, todas formadas em Pedagogia.

Quanto ao espaço físico esta instituição possui uma biblioteca, uma cozinha, uma diretoria, quatro banheiros para as crianças e um para os funcionários. Há dois aparelhos de DVD, uma impressora, dois televisores, dois computadores para o corpo administrativo e dois para os alunos e internet de banda larga que atende as crianças do bairro onde está localizado e adjacências.

O grupo escolhido para a pesquisa foi o Grupo 5 da Educação Infantil no qual atuo, por atender às exigências do Curso de Especialização.

Para a realização da pesquisa foi comunicado oralmente à direção sobre os propósitos da pesquisa e a importância desta para minha formação. Aos pais foi realizada uma reunião explicando sobre o trabalho que realizaria com seus filhos e sua importância no processo educativo deles.

O termo de livre consentimento para uso das imagens das crianças foi assinado no início do ano letivo na entrevista de anamnese.

4.3. SUJEITOS DA PESQUISA

O compromisso da minha prática pedagógica parte da ideia de infância enquanto fenômeno histórico, o que implica na escolha da etnopesquisa crítica e multirreferencial por serem as crianças sujeitos sociais, produtores de uma cultura

própria, rica em linguagens, portanto, para analisar as suas vozes, as metodologias convencionais não seriam suficientes. Desse modo, Cruz (2008) diz que escutar as crianças é uma expressão pedagógica atual que considera as suas peculiaridades, competências e seu papel ativo no aprimoramento das práticas pedagógicas e da qualidade de ensino.

Os sujeitos participantes do estudo pertencem à educação infantil, grupo cinco, matutino, turno parcial. Encontram-se na faixa etária entre cinco e seis anos. Para preservar suas identidades foram identificadas pelas iniciais de seus nomes, me incluindo também como sujeito de pesquisa, responsável pela turma, juntamente eu e minha Auxiliar de Desenvolvimento Infantil, (ADI).

A escolha das crianças do grupo 5 deve-se ao interesse pelos modos de criação que adquirem maior elaboração com presença das representações de sentidos nessa faixa etária. As crianças foram questionadas sobre o interesse de participar na pesquisa e ficaram eufóricas em ter suas vozes gravadas e se verem em vídeos.

A pesquisa de campo ocorreu no segundo semestre do ano de 2015.

4.4. DISPOSITIVOS, PROCEDIMENTOS E ETAPAS DA PESQUISA

O instrumento principal dessa pesquisa será a escuta, tendo em vista que na rotina escolar, diariamente, atividades entre os sujeitos envolvidos no processo de construção do conhecimento e da própria organização da rotina, mas pouco as crianças são ouvidas. A observação também será um instrumento valioso, pois, preciso observar como as crianças se comportaram ao perceber a rotina modificada após as suas intervenções, que avaliza a escuta sensível como dispositivo de pesquisa que, como assevera Macedo (2004) “é uma conquista catalisadora de vozes recalcadas por uma história científica silenciadora e castradora” (MACEDO, 2014, p. 199).

Os registros fotográficos foram utilizados como instrumentos complementares no intuito de possibilitar não apenas a pesquisadora, mas também, ao leitor o registro de cenas observadas no decorrer do desenvolvimento da pesquisa. Durante o processo da pesquisa pretendo utilizar um diário de campo para registrar as falas das crianças, reações, ações, momentos, datas, horário etc (ANEXOS).

Busquei instrumentos abertos para garantir a riqueza das narrativas, uma vez que as crianças produzem diálogos relevantes sobre o seu cotidiano, o que sentem e desejam como veem a instituição e suas experiências educativas.

A escuta sensível como dispositivo se revelou um recurso fundamental na etnopesquisa, por meio da qual se interpretam significados e garante o direito da criança de ser protagonista, ao atribuir valor e atenção aos diálogos e expressões na busca da originalidade e da subjetividade. Macedo (2004) destaca como tarefa a disposição do pesquisador em escutar sensivelmente além da contextualização do sujeito ou fenômeno, o princípio é “*Pensar sobre o que se faz e saber sobre o que se pensa*” (p.199).

O Diário de campo também se mostrou um dispositivo de grande valia para o registro das falas das crianças durante a entrevista coletiva, opção feita por favorecer a expressão a fim de deixá-las confortáveis para produzir seus diálogos.

4.5. TRATAMENTO E ANÁLISE DAS INFORMAÇÕES

Após a acolhida, as entrevistas coletivas foram realizadas com as crianças que sempre estavam acompanhadas por brinquedos escolhidos por elas. A ideia era deixá-las tranquilas a fim da entrevista se tornar a mais natural possível. Assim, para escutar as crianças a respeito das rotinas da sala, foram levantados alguns questionamentos para que estas expusessem seus pontos de vista. Por isso, a base da entrevista resumiu-se a duas pergunta-chave que refletem o pensamento das crianças sobre a rotina instituída: O que você acha legal na escola? O que poderia melhorar na rotina da sala?

A partir da escuta das crianças, emergiram alguns enunciados sobre o que mais gostavam na escola: os brinquedos, as brincadeiras e as histórias.

A escola dispõe de alguns brinquedos estruturados fornecidos pela Prefeitura Municipal do Salvador e outros doados pelos professores da escola. Esses brinquedos ficam à disposição das crianças no momento do acolhimento durante vinte minutos, período que compreende o tempo de aguardar todas as crianças chegar para o início das atividades. Em seguida, os brinquedos são guardados e as atividades da rotina prosseguem, conforme tabela 1:

Tabela 1 – Rotina do CMEI

| HORÁRIO | ATIVIDADES |
|---------------|--|
| 07:30 à 07:50 | Acolhimento com brinquedos |
| 07:50 à 08:30 | Roda de conversa |
| 08:30 à 09:00 | Atividade impressa |
| 09:00 à 09:10 | Higiene |
| 09:10 à 09:30 | Lanche |
| 09:30 à 09:45 | Escovação |
| 10:00 à 10:30 | Hora da história |
| 10:30 à 11:00 | Atividades |
| 11:00 à 11:30 | Avaliação do dia e preparação para a saída |

Fonte: Projeto Político Pedagógico do CMEI

A rotina exposta na *Tabela 1* mostra a organização do tempo pedagógico e dos espaços usados pelas crianças. Uma fala recorrente das crianças em momentos diferenciados de escuta é que alguns brinquedos não ficam a disposição. Ana, 5 anos e 7 meses e Pedro, 5 anos e 9 meses reclamam que tesouras e massinhas estão sempre guardados e relata: “Pró, não gosto dessa escola porque fica tudo preso no armário” (sic). Revelam também que gostariam de brincar com esses materiais no momento de chegada. Apesar, de não haver uma variedade de brinquedos disponíveis, as crianças valorizam os que possuem interagindo entre eles com trocas, produzindo diálogos e criando outras brincadeiras em atividades espontâneas e imaginativas.

As histórias lidas ou contadas também são sinalizadas pelas crianças como ponto positivo da rotina. Momentos em que eles podem escolher a história que será lida ou escolher seus títulos preferidos e manuseá-los conforme seu desejo, folhear e explorar ilustrações. Estas ações propiciam a liberdade de pensamento imaginativo e a construção de representações simbólicas mais elaboradas vivenciando mentalmente o enredo e organizando pensamento.

O segundo enunciado que se destaca é o pouco tempo reservado à brincadeira, revelado pela rotina fechada, na qual predominam atividades repetitivas relacionadas à higiene, horários de lanche e escovação, necessários, mas que consomem um tempo que poderia ser dedicado à brincadeira, já que as crianças estão em tempo parcial.

Em uma das rodas de conversa, quando perguntei se as crianças gostavam de estar na escola, Luana, 5 anos e 10 meses reclama:

“- Não! A escola é chata! Porque toda hora é a mesma coisa!” (sic). A fala de Luana representa o que acontece com a rotina organizada sem escutar as crianças e priorizando suas necessidades de brincar e interagir com outras crianças e adultos.

Legitimar a fala das crianças resulta no reconhecimento da sua importância como sujeito ativo no *lócus* social, que é a escola e que nesse espaço ela tem o direito de manifestar suas opiniões e ser atendida em suas necessidades a partir de uma ação educativa responsável, coerente e participativa. Ferreira, 2005 ressalta que ainda que as crianças se expressem diferente dos adultos, existe a necessidade de legitimar suas formas de comunicação e relação, mesmo que os sentidos que elas constroem a partir de suas experiências não sejam os mesmos que os adultos constroem sobre essas experiências.

Em suma, as crianças precisam ser ouvidas desde o planejamento das atividades pedagógicas, para que possam dizer o que querem fazer e como fazer, manifestando suas opiniões e produzindo cultura. Esse é o processo que Macedo (2015) aponta para a produção de etnometodos, ou seja, suas formas da criança de teorizar e promover mudanças em seus contextos.

5. A CONSTRUÇÃO COLABORATIVA NA ROTINA DA EDUCAÇÃO INFANTIL: APRESENTANDO RESULTADOS

Essa pesquisa teve como objetivo geral validar a escuta das crianças para a construção de uma rotina atraente e significativa na educação infantil, a partir da minha experiência com as crianças do Grupo 5, no CMEI em que atuo há seis anos. Durante todo este tempo utilizei uma rotina pré-estabelecida pela escola e atividades impressas como aliados da minha prática pedagógica, visto que este trabalho está ancorado no Projeto Político Pedagógico da escola.

A rotina da escola era fechada: as crianças chegavam, pegavam alguns brinquedos, depois se fazia a roda, posteriormente havia uma atividade a ser realizada com os alunos, higiene, lanche e escovação, conforme especificado na Tabela 1. Em seguida, havia uma leitura de uma história, depois mais uma atividade e por fim, eles iam embora. As crianças realizavam as tarefas automaticamente, sem participação alguma, fato que Barbosa discorda, quando diz que inicialmente, as rotinas não devem ser monótonas e repetitivas, antes devem contar com a participação das crianças, aceitar os imprevistos e respeitar os tempos necessários ao andamento do trabalho (BARBOSA, 2008).

A princípio achei que as crianças não estavam correspondendo ao que havia planejado, pois não conseguia atingir todo o meu planejamento. Havia crianças agitadas ou desobedientes que exigiam muito da minha atenção, era muito frustrante não atingir meus objetivos pedagógicos, quando fui sinalizada pela aluna Luana ao verbalizar que a escola era chata.

Por diversas vezes tentei fazer atividades diferentes que pudessem atrair a atenção das crianças sem total resultado, no entanto, a partir da escuta das crianças sobre a rotina da escola foi possível redimensionar algumas ações. Escutar meus alunos a fim de legitimar as suas reivindicações, sentimentos, expectativas e sugestões sobre a rotina escolar são cruciais para as mudanças na rotina a fim de fazer sentido às crianças.

O tema da conversa inicial era saber se eles gostavam da rotina que estava sinalizada no cartaz (tabela 1), assim a partir das respostas passaria a descobrir como elas gostariam que fosse o seu dia na escola. Esta atividade foi realizada durante duas semanas para perceber se estes sabiam o que falavam e se não entravam em contradição. Por meio desta atitude de organizar o trabalho lembro-me

das palavras de Barbosa “a forma de organizar o trabalho deve possibilitar o envolvimento das crianças em sua construção, que terá dimensões diferentes se tomamos como referência a idade das mesmas” (BARBOSA 2001, p. 66).

Para minha surpresa as crianças ficaram a vontade e alguns depoimentos me chamaram a atenção: Pedro disse que gostava de brincar, Ana falou que gostava de brincar com massa de modelar, porém Luana disse que não gostava da escola porque era chata. Neste momento lhe pergunto o porquê e ela diz que a “escola é chata porque toda hora tem a mesma coisa” (sic.). Essa resposta tornou-se comum visto que várias crianças concordaram com ela.

Os dados coletados revelaram que as crianças gostariam de fazer diversas mudanças na escola, como inserir mais atividades e aumentar o tempo de duração de algumas delas. Sendo assim, pude perceber que enquanto os envolvidos na rotina, professor e alunos não apresentarem suas sugestões, não haverá mudanças no ensino.

Depois das falas das crianças comecei a adaptar a rotina pré-estabelecida pela escola com as sugestões delas. Assim, variei as atividades no decorrer do dia: uso da massa de modelar, leitura de histórias, filmes e músicas escolhidos por eles.

Segundo Barbosa (2001 p. 67-68):

A ideia central é que as atividades planejadas diariamente devem contar com a participação ativa das crianças garantindo às mesmas das noções de tempo e espaço, possibilitando-lhes a compreensão do modo como as situações sociais são organizadas e, sobretudo, permitindo ricas e variadas interações sociais. (Barbosa, 2001 p. 67-68).

Dessa maneira, através de um trabalho colaborativo entre professor e alunos é possível promover a interação e integração necessária no processo de ensino. Para Barbosa (2006) “é possível pensar a rotina sob a forma de um cotidiano, é preciso sair da visão adultocêntrica, que sabe o que é melhor para as crianças”, e estabelecer novas relações entre adultos e crianças.

Depois de ouvir a opinião das crianças, a rotina foi reavaliada e algumas mudanças foram implementadas: criamos as mesas interativas que consistem em vivências voltadas para a arte, brinquedos, brincadeiras e leitura de histórias que ficam disponíveis para que as crianças escolham de forma autônoma do que e onde querem brincar.

Destarte, com base na coleta de dados dos alunos, a rotina foi adaptada para melhor adequar-se aos interesses do grupo:

Tabela 2 – Rotina do Grupo 5

| HORÁRIO | ATIVIDADES |
|----------------------|--|
| 07:30 à 07:50 | Acolhimento com brinquedos |
| 07:50 à 08:20 | Roda de conversa |
| 08:20 à 09:00 | Atividade impressa/Pintura/Colagem |
| 09:00 à 09:10 | Higiene |
| 09:10 à 09:20 | Lanche |
| 09:20 à 09:35 | Escovação |
| 09:40 à 10:00 | Brincadeira livre |
| 10:00 à 10:30 | Hora da história (temas escolhidos pelos alunos) |
| 10:30 à 11:00 | Atividades (Filme/música/massa de modelar) |
| 11:00 à 11:30 | Avaliação do dia e preparação para a saída |

Com a implantação das mesas aumentamos o tempo de uso dos brinquedos e das brincadeiras interativas e ampliamos também o tempo do parque, uma vez que as crianças frequentam esses espaços apenas duas vezes por semana.

Diante das mudanças, pude perceber que as crianças se envolveram mais nas brincadeiras e nas interações, base fundamental da Educação Infantil e as reações foram as mais diversas:

Dentre os entrevistados inicialmente Luana disse que gostou das novas atividades e que estava feliz em ir à escola: “Agora sim, a escola tá legal. A gente faz as coisas que combinamos com a pró” (sic). Ana e Pedro expressaram que: “a sala está muito legal porque tem atividades diferentes e que a gente gosta” (sic).

O resultado da nova rotina foi apresentado a direção da CMEI que acolheu a ideia a fim de socializar com os outros professores do segmento a fim de promoverem um momento com seus alunos e construir uma rotina elaborada pelo grupo.

CONCLUSÃO

Tudo começou a partir da minha realidade, trabalhar com crianças do grupo 5 e perceber que algo não estava dando certo. Após buscar novos conhecimentos para melhorar minha prática percebi que muitas atividades aplicadas na minha rotina não faziam sentido nenhum para meus alunos, pois essa rotina era pré-estabelecida sem nenhuma escuta ou participação dos alunos.

Durante as pesquisas e contribuições do Curso de Especialização em Docência na Educação Infantil, CEDEI, e da escuta das crianças, percebi a importância da elaboração da rotina na Educação Infantil. É através dela que tudo começa. A organização do tempo, espaço, segurança para as crianças e a autoconfiança para o professor. Assim, chego à seguinte conclusão: que para a criança se sentir num ambiente estável e segura, ela não precisa passar por uma rotina maçante, rígida e sem nenhuma contribuição dela.

Inicialmente, a mudança começa na postura do professor em estabelecer espaços e tempos para a escuta sensível das crianças a fim de criar um vínculo onde o respeito mútuo, a postura colaborativa entre criança-criança e crianças-adulto sejam os eixos norteadores da construção de uma rotina escolar que faça sentido para todos os envolvidos. Assim, ao mudar a rotina através da escuta dos meus alunos, as atividades passaram a ser desenvolvidas de maneira bem mais participativa e produtiva.

A construção de uma rotina colaborativa no qual todos são atores e autores, permite reflexões acerca da postura do professor como ouvinte atento e sensível, promotor de mudanças no contexto a partir da visão da criança como sujeito da fala, capaz de atuar no contexto social e proporcionar mudanças na cultura tanto das crianças, quanto da comunidade escolar.

Destarte, as práticas pedagógicas que compõem a proposta curricular da Educação Infantil devem ter a escuta da criança na elaboração da rotina da mesma em sala de aula, mas isso não é visto nas escolas.

Portanto, depois de todas as minhas inquietações e leituras percebi que a escuta e a valorização das falas dos meus alunos sobre o que pensam contribuiu na construção de uma rotina atrativa que contempla os objetivos pedagógicos e promove a satisfação das crianças. Isso foi possível ao notar o interesse em

participar das atividades e o semblante de felicidade ocasionando em demonstrar interesse em permanecer na escola mais um pouco.

Enfim, essa pesquisa traz em seu bojo uma possibilidade de trabalho colaborativo a partir da escuta das crianças, da valorização de suas falas e do redimensionamento de ações a partir delas, e pode ser utilizada em outras turmas da mesma instituição ou de outras que busquem nas culturas da infância a base para um trabalho significativo e transformador.

REFERÊNCIAS

ABAURRE, Maria Bernadete Marque. Linguística e Psicopedagogia. In Scoz... et al. Psicopedagogia – O caráter Interdisciplinar na Formação e Atuação Profissional. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987, p. 186-223.

ANGOTTI, Maristela (Org.) **Educação Infantil: para quê, para quem e por quê?** Campinas, SP: Editora Alínea, 2006.

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

BARBOSA, Maria Carmen Silveira. **Por amor e por força: rotinas na educação infantil**. Porto Alegre: Artmed, 2006, 2008.

BARBOSA, Maria Carmem Silveira; Horn, Maria da Graça Souza. **Organização do Espaço e do Tempo na Escola Infantil**. In: CRAIDY, C.; KAERCHER, G. E. Educação Infantil. Pra que te quero? Porto Alegre: Artmed, 2001, p. 67-79.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação (CNE). Resolução n. 5, de 17 de dezembro de 2009. Fixa as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. **Diário Oficial da República**. Federativa do Brasil, Brasília, DF: MEC/CNE, 2009.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil**. Brasília: MEC, SEB, 2010.

_____. Constituição da República Federativa do Brasil: texto constitucional promulgado em 5 de outubro de 1988, com as alterações adotadas pelas emendas Constitucionais nos 1/1992 a 68/2011, pelo Decreto Legislativo nº 186/2008 e pelas Emendas Constitucionais de Revisão nos 1 a 6/1994. – 35.ed. – Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2012.

CAMPOS, L. F. de L. (2000). Métodos e técnicas de pesquisa em psicologia. Campinas, Alínea.

CARVALHO, Tânia Câmara Araújo de. A (re)construção de saberes no coletivo: resgate de um processo de assessoria pedagógica. (Tese de Doutorado). Natal, Departamento de Educação / Programa de Pós-Graduação em Educação / Centro de Ciências Sociais Aplicadas / UFRN, 1999.

Dicionário Editora da Língua Portuguesa. Editora: Porto Editora, 2015.

EDWARDS, Carolyn; GANDINI, Lella; FORMAN, George. **As cem linguagens da criança**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.

FARIA FILHO, Luciano Mendes, org. **A infância e sua educação: materiais, práticas e representações.** Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

FLICK, UWE. **Uma Introdução a Pesquisa Qualitativa.** Porto Alegre. Bookman, 2004

GANDINI, Lella; EDWARDS, Carolyn. **Bambini: a abordagem italiana à educação infantil.** Porto Alegre: Artmed, 2002.

KUHLMANN Junior, Moysés. **Infância e Educação Infantil: uma abordagem histórica.** Porto Alegre: Mediação, 2010.

LOPES, Denise Maria de Carvalho; MOURA, Marianne da Cruz. **As Rotinas na Organização da Educação Infantil: Um Estudo Introdutório.** 2007

MANTAGUTE, Elisângela L.L. **Rotinas na Educação Infantil.** 2012.

NUNES, Leonília de Souza. **Escuta sensível o professor: uma dimensão da qualidade da educação infantil.** Brasília, 2009.

NUNES, Neves Nadir. O ingresso na pré-escola: uma leitura psicogenética. In: OLIVEIRA, Zilma de Moraes Ramos de (Org.). **A criança e seu desenvolvimento: perspectivas para se discutir a educação infantil.** 4. ed. São Paulo: Cortez, 2000, 105-129.

PROINFANTIL, coleção módulo I. unidade 4. livro de estudo - vol. 2. Karina Rizek Lopes. (Org.) Roseana Pereira Mendes (Org). Vitória Líbia Barreto de Faria, Brasília 2006.

RODRIGUES, Charlene de Oliveira. **A Construção das Rotinas: Caminhos para uma Educação de Qualidade.** Brasília, 2009

TONUCCI, Francesco. **Quando as crianças dizem: agora chega!** . Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente.** São Paulo: Martins Fontes, 1991.

✓ **Webgrafia:**

<http://repositorio.ufrn.br/jspui/bitstream/123456789/14280/1/MariaMP.pdf>

<http://www.uel.br/eventos/jornadadidatica/pages/arquivos/II%20Jornada%20de%20Didatica%20e%20I%20Seminario%20de%20Pesquisa%20do%20CEMAD%20-%20Docencia%20na%20educacao%20Superior%20caminhos%20para%20uma%20praxis%20transformadora/A%20IMPORTANCIA%20DO%20PLANEJAMENTO%20E%20DA%20ROTINA%20NA%20EDUCACAO.pdf>

<http://www.portaleducacao.com.br/pedagogia/artigos/42290/organizacao-do-tempo-na-escola-a-importancia-da-rotina#l2>

<http://www.portaleducacao.com.br/pedagogia/artigos/42290/organizacao-do-tempo-na-escola-a-importancia-da-rotina#ixzz4AM5aKpST>

<http://petpedagogia.blogspot.com.br/2012/07/a-importancia-da-organizacao-do-tempo-e.html>

<http://www.uel.br/ceca/pedagogia/pages/arquivos/MARIA%20ELISANDRE%20DA%20SILVA.pdf>

<http://br.monografias.com/trabalhos3/importancia-educacao-infantil/importancia-educacao-infantil2.shtml>

http://ndi.ufsc.br/files/2013/09/Livro-educ_infantil-e-forma%C3%A7%C3%A3o-de-professores.pdf

<http://www.scielo.br/pdf/es/v20n68/a04v2068>

<https://revistas.ufg.emnuvens.com.br/feff/article/view/82/2678>

<http://educacaoinfantilhoje.blogspot.com.br/2010/01/entendendo-educacao-infantil-e-o-papel.html>

<http://www.portaleducacao.com.br/pedagogia/artigos/42290/organizacao-do-tempo-na-escola-a-importancia-da-rotina>

<http://www.pedagogia.com.br/artigos/desenvolvimentodacrianca/index.php?pagina=4>

http://biblioteca.unilasalle.edu.br/docs_online/tcc/graduacao/pedagogia/2008/sbcosta.pdf

<https://www.educamaisbrasil.info/rotina-na-educacao-infantil/>

http://ufpr.cleveron.com.br/arquivos/EM_246/espaco_tempo.pdf

<https://docs.google.com/file/d/0B3KBMWLPWvIqUS1QOG9UN1RFWFK/edit>
claretianorc.com.br/download?caminho=upload/cms/revista/sumarios/127.pdf...

<http://educarparacrescer.abril.com.br/aprendizagem/friedrich-froebel-307910.shtml>

<http://www.artigonal.com/educacao-infantil-artigos/a-historia-da-educacao-infantil-no-contexto-brasileiro-3252261.html>

<http://revistaeducacao.uol.com.br/textos/0/formacao-de-professores-para-a-educacao-infantil-anos-iniciais-do-302493-1.asp>

http://www.anpae.org.br/congressos_antigos/simposio2007/455.pdf

ANEXOS



Figura 1



Figura 2



Figura 3



Figura 4



Figura 5